



NÃO É PROIBIDO SONHAR
HOMILIA NA EUCARISTIA DE NATAL
25 Dezembro 2014 – Sé Catedral de Braga – 11h30

É famoso o discurso de Martin Luther King que inspirou sucessivas gerações a construírem um mundo mais justo e fraterno. “Eu tenho um sonho”, disse o pastor protestante. Também eu tenho um sonho. Sonho com um homem desperto e de olhar atento. Sonho com um homem inquieto e preocupado com o futuro da humanidade. Partilho ainda o sonho do Papa Inocêncio III que, numa noite, viu a Basílica de São João de Latrão, a igreja-mãe de todas as igrejas, a desabar e um pequeno e insignificante religioso a ampará-la para que não caísse. Inocêncio III sonhou com S. Francisco, sonhou a “Igreja pobre para os pobres” do nosso Papa Francisco.

O Natal anima em mim todos estes sonhos. Diz-me que não é proibido sonhar um mundo de paz e de simplicidade, de diálogo entre as religiões, de justiça social e de ternura humana. Diz-me que não é proibido sonhar um mundo onde, em cada um dos nossos corações, existe um espaço de hospitalidade.

Comove-me sempre, na missa da noite, escutar o evangelho de Lucas e o discreto detalhe que Jesus foi deitado numa manjedoura “porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2, 7). Que humanidade é a nossa que não encontra lugar para acolher uma criança na sua fragilidade? Foi esta mesma recusa *desumana* que João sintetizou no evangelho de hoje dizendo que Jesus “veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1, 11).

Sei que muitas famílias e pessoas individuais hoje se sentem igualmente recusadas, descartáveis. Sentem que forças sem rosto lhes roubam os seus sonhos. É nestas circunstâncias que se revelam imprescindíveis exemplos e atitudes que nos façam acreditar num mundo diferente. Nesta quadra de Natal, gostaria de realçar dois conjuntos de personagens típicos do Natal e que nos podem sugerir acções de fé e fraternidade.

Os pastores. Os pastores são os últimos da sociedade, os ignorados pelo poder instaurado e dependem da complacência da natureza para sobreviver. A sua vida é precária. Mas, nesta precariedade, estão especialmente despertos aos sinais extraordinários. Uma vez por receio que o seu sustento seja destruído. Outras vezes porque o *extraordinário* – podemos até dizer divino – a ninguém deixa indiferente. Na verdade, disse Isaías que “o povo que andava nas trevas viu uma grande luz” (Is 9, 1).



Não será este feixe de luz o mesmo que os mensageiros celestes anunciaram: “encontrareis um recém-nascido envolto em faixas e deposto numa manjedoura”? (Lc 2, 12). Os pastores são, deste modo, a imagem dos novos evangelizadores. Pessoas simples, atentas, alegres, que se animam mutuamente e colocam Cristo em primeiro lugar. São a tradução perfeita das “sentinelas [...] que rompem em brados de alegria” e consolam o povo de Deus (cf. Is 52, 9) através de uma presença que oferece tranquilidade e diz que a solidão de Maria e José com o Menino não deve ser tolerada.

Os reis magos. Estes sábios do Oriente viram a mesma estrela dos pastores e, segundo Mateus, também eles “ao ver a estrela, sentiram imensa alegria” (Mt 2, 10). Caminharam então apressadamente para Belém a fim de adorarem o menino e deixarem as suas ofertas. Belém, como sabemos, significa *casa do pão*. Este significado e este gesto remetem-me para outro episódio bíblico: o milagre da multiplicação dos pães (cf. Mt 14, 13-21). Jesus, com apenas cinco pães e dois peixes, alimentou 5000 pessoas. Um cenário que parece hoje repetir-se. São milhares as pessoas que, morando numa *casa do pão*, não têm pão para comer, não têm roupa para vestir, não tem casa para habitar, não têm voz para as consolar.

Num tempo onde os recursos são poucos, também nós teremos de ser *sábios* e transformar o pouco em muito. Como? Mediante a partilha generosa onde se sente a alegria de dar, um voluntariado responsável que sabe encontrar tempo disponível para intervir e uma gestão eficaz dos bens colocados nas nossas mãos por Deus.

Permiti que agora vos conte um sonho.

Era o ano de 2011. Os padres da nossa arquidiocese sonharam uma bolsa capaz de acorrer aos mais necessitados. Deram um mês do seu salário e constituíram o fundo “Partilhar com esperança”. Esse pequeno sinal cresceu e, ao longo destes três anos, foram apoiadas 726 famílias e 2075 pessoas. Foram entregues mais de 230.000€. 80% desse valor serviu para pagar rendas de casa e os restantes 20% pagaram medicação, água, luz e tantos outros bens de primeira necessidade. Quem imaginaria que um discreto gesto seria capaz de transformar a vida de tanta gente?

Este fundo continua a responder a partir da generosidade de muitos e vai continuar porque acredito que este sonho da solidariedade não cessará. Está a ser respondida para a pobreza envergonhada de todas as paróquias da Arquidiocese. Não resolvemos todos os problemas mas os pequenos gestos possuem uma força de ternura impressionante.



Fernando Pessoa deixou escrito no *Livro do desassossego* que “matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso”. É bem verdade. Daí que o Natal seja a revelação do sonho de Deus: em Cristo constituir uma única família com todos os povos onde os desprotegidos sentem a presença operante de uma comunidade cristã. Esta é a garantia de que não devemos desistir de acreditar num mundo de fraternidade e justiça.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*